

“Menstruação sem Tabu”: uma reflexão sobre a experiência com oficinas de educação menstrual em escolas e instituições públicas

Janaina de Araujo Moraes

Pós-doutoranda no Labjor/Nudecri/Universidade Estadual de Campinas

<https://orcid.org/0009-0009-8846-2704>

janainajanis@gmail.com

Introdução

O tema da dignidade menstrual tem ganhado cada vez mais espaço na agenda nacional e mundial. O relatório “Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdades e violação de direitos” (UNFPA/UNICEF, 2021) apresenta um cenário alarmante sobre a realidade das meninas e mulheres brasileiras. Em situação de pobreza e vulnerabilidade social, elas são privadas de serviços de saneamento básico, recursos para higiene pessoal e íntima e também a conhecimentos de qualidade sobre o próprio corpo e o ciclo menstrual. Os desafios de acesso aos direitos menstruais representam barreiras ao completo desenvolvimento do potencial das pessoas que menstruam, acirrando ainda mais as desigualdades sociais e de gênero.

O presente trabalho tem como propósito realizar uma reflexão sobre a experiência de elaboração e execução de um projeto de educação menstrual em escolas e instituições públicas, em uma cidade¹ do interior do estado de Minas Gerais, que teve como propósito promover a dignidade menstrual por meio da educação.

O projeto Menstruação sem Tabu teve início em setembro de 2023, no Instituto Federal Sudeste, da cidade em questão, com os estudantes (meninas e meninos) do primeiro ano do ensino médio integrado ao técnico, alcançando mais de 180 alunos e totalizando 50 horas de conteúdo. Em 2024, o projeto foi levado a duas escolas municipais

1 Optamos por não divulgar o nome da cidade onde o trabalho aconteceu, bem como os nomes das escolas municipais, na tentativa de nos resguardar de qualquer eventual reação a este artigo por terceiros – esse cuidado ficará mais evidente com a leitura do mesmo. Tal escolha não compromete a qualidade das informações veiculadas.

da mesma cidade, uma localizada em um bairro periférico, que aqui nomearemos de Escola A, e outra localizada em um distrito rural, que aqui nomearemos Escola B. Na Escola A, o trabalho foi realizado no contraturno escolar, com cerca de 20 meninas, com faixa etária entre 10 e 14 anos de idade e na Escola B as oficinas foram realizadas, durante horário regular, com as quatro turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental, envolvendo cerca de 65 estudantes (meninas e meninos).

O intuito com as oficinas foi criar espaços originais e criativos para discussões e vivências sobre menstruação para além da concepção que encara o sangue menstrual como algo negativo e ruim, ou mesmo para além do modelo convencional biomédico, que em geral acaba sendo o mais disseminado e conhecido. A menstruação foi abordada de forma transdisciplinar, trazendo conteúdos de outras áreas tais como a antropologia, a história e as artes e criando também dinâmicas que envolviam o tema para além da reflexão, levando para o campo da ação.

O conteúdo e metodologia foram desenvolvidos por mim, que sou antropóloga e educadora menstrual, acumulando dez anos de experiência em pesquisa e estudos sobre o tema menstruação. Para a realização das oficinas contamos também com a assistência de uma psicóloga (2023) e uma fisioterapeuta (2024), ambas especialistas em saúde da mulher. O projeto foi uma iniciativa minha, em parceria com outras três instituições da cidade, o Instituto IDEIAS (Instituto de Desenvolvimento da Educação, Inclusão e Ações Sociais), a ONG Vertente Solidária e o Ivert (Instituto Socioambiental das Vertentes).

A experiência com esse primeiro ano de projeto abriu a possibilidade para muitas reflexões e questionamentos. Quais são os desafios de implementação deste tipo de projeto na rede pública de ensino? Como é a recepção dos estudantes e da comunidade escolar diante deste tema? Como meninas e meninos acolhem ou não esta abordagem? Quais os impactos da educação menstrual na formação dos jovens? Quais os desafios para o desenvolvimento de metodologia e conteúdo para esse tipo de oficina?

Essas questões serão elaboradas neste trabalho que abre o campo² para o desenvolvimento de uma pesquisa de pós-doutorado, financiada pelo CNPq e iniciada em junho de 2024, no Labjor/Nudecri, Unicamp, que busca refletir sobre os impactos e desafios da educação menstrual na promoção da dignidade menstrual.

2 É preciso destacar que, inicialmente, este trabalho não foi desenvolvido para uma pesquisa acadêmica, contudo, por ser uma cientista, dados foram coletados com o consentimento dos estudantes para avaliar o impacto do trabalho realizado. De toda forma, o anonimato das pessoas participantes é preservado neste trabalho. Tais dados juntamente com a experiência em campo são utilizados nessas análises.

Educar para Transformar!

A primeira experiência do projeto “Menstruação sem Tabu”, realizado no Instituto Federal, apresentou-se bem sucedida, não só porque foi possível testar a metodologia de ensino e conteúdos voltados à educação menstrual de forma positiva e exitosa, como também foi capaz de mobilizar e sensibilizar os estudantes (meninas e meninos) para um tema tão importante e ainda pouco abordado. A maioria dos estudantes se mostraram abertos e interessados, o corpo docente e a administração do IF também foram muito receptivos, facilitando nossa inserção em campo³. Isso tudo foi muito importante, dado que nossa primeira ideia foi realizar as oficinas em uma escola da rede estadual, contudo, apesar da direção da escola estar aberta a receber o projeto, a superintendência de ensino não liberou sua realização.

Assim, durante três meses fizemos encontros regulares com mais de 180 alunos⁴, em horário regular, visto que os estudantes do IF têm uma grade curricular integral e não seria possível oferecer algo no contraturno - contamos com o apoio de alguns professores que cederam tempo de aula, em especial, as professoras de história, português e inglês.

Realizamos cinco encontros, com duração de 100 minutos cada (duas aulas geminadas), com as seis turmas do primeiro ano, em que abordamos temas tais como: a história da menstruação; a origem dos tabus e da ideia de nojo que envolve o sangue menstrual; as diferentes perspectivas culturais sobre o tema; o que é a pobreza menstrual e seus impactos; como funciona a educação menstrual; qual o lugar dos meninos e homens no debate do tema; informações sobre a anatomia do corpo feminino e menstruante e do ciclo menstrual; as mudanças físicas, mentais e emocionais ligadas ao ciclo e como são percebidas em sociedade; a higiene menstrual e o autocuidado; sexualidade e contracepção; dentre outros assuntos. No primeiro e último encontros trabalhamos temas comuns a meninos e meninas e nos outros três encontros separamos as turmas, trabalhando conteúdos específicos para cada público. Para o encerramento do projeto os estudantes foram instigados a produzirem imagens e textos que valorizassem o corpo feminino e a menstruação. A instalação artística resultado deste exercício foi exposta ao público no hall principal do Instituto Federal.

3 Nosso primeiro contato foi feito com a diretora da instituição à época, que nos colocou em contato com a coordenadora de ensino e a coordenadora dos cursos técnicos para que pudéssemos elaborar a logística de encontros.

4 O projeto se inseriu na grade curricular da instituição, assim, os estudantes que estavam presentes em sala de aula participaram dos encontros, os estudantes que não queriam participar se ausentaram e nenhum aluno foi abordado de forma individual.



Figura 1. Aula sobre anatomia e ciclo menstrual no Instituto Federal.

Fonte: Júlia Marcier.



Figura 2. Parte da instalação artística desenvolvida pelos estudantes do IF.

Fonte: Janaina Moraes.

As alunas tiveram a oportunidade de entrar em contato com conteúdos de suma importância para o seu desenvolvimento físico, psíquico e emocional, demonstrando engajamento durante os encontros, que também foram capazes de estreitar a relação entre elas e ainda que umas e outras estivessem um pouco tímidas, a maioria estava bastante interessada. O trabalho desenvolvido com os alunos superou nossas expectativas pois, ainda que em sala de aula encontrássemos alguns alunos com certo preconceito, os

relatos finais recebidos por meio do questionário aplicado ao fim das oficinas, foram muito satisfatórios, demonstrando uma sensibilidade e compreensão para tratar do assunto, ainda que não seja algo que os envolvem diretamente.

Alguns desafios encontrados ao longo do percurso inclui a sobrecarga dos estudantes com as diversas disciplinas do ensino integral - em alguns momentos os alunos estavam muito cansados e dispersos, principalmente nos últimos encontros que aconteceram no fim de semestre letivo - o que nos fez questionar se a melhor via de acesso para as oficinas seria mesmo a inserção dentro do horário regular, ainda que neste caso específico não houvesse outra alternativa. Dessa forma, buscamos em edições futuras oferecer as oficinas no contraturno escolar, apenas para as pessoas que se interessem pelo tema, para testar alternativas e ver o melhor funcionamento, que foi o que fizemos na Escola A no ano seguinte.

Também tivemos dificuldades com o tempo de aula e a quantidade de conteúdo oferecida, pois apesar das aulas estarem bem preparadas para o tempo planejado, tivemos muitas dificuldades que envolveram problemas tecnológicos - cada sala tinha um funcionamento diferente quanto ao projetor e acesso à internet e a cada encontro mudávamos de sala, o que comprometeu um pouco o trabalho. Além disso, cada turma tem uma dinâmica diferente e algumas eram mais engajadas que outras, de modo que o conteúdo não caminhou de forma homogênea e linear em todas as turmas. Assim, a partir dessa experiência, pensamos na alternativa de ter uma sala fixa, em que os estudantes pudessem ir ao nosso encontro, para evitar esse tipo de transtorno, algo que também foi possível testar no ano seguinte na Escola A, mas que não solucionou a questão de problemas técnicos, visto que a sala utilizada não tinha energia elétrica ativada e todas as vezes tínhamos que conseguir uma extensão que, constantemente, dava problemas.

Também foi possível perceber quais conteúdos e práticas geram mais engajamento e interesse e quais não. Vimos que a parte histórica sobre a menstruação, bem como a construção da ideia do tabu menstrual, ainda que considerada importante do ponto de vista educacional, não gera tanto engajamento, enquanto informações de cunho mais prático, que dizem respeito ao cotidiano da vida de mulheres e corpos que menstruam, seja a partir de relatos pessoais ou mesmo pelo compartilhamento de informações sobre o funcionamento do ciclo menstrual e sobre os dispositivos de gestão menstrual (absorventes, coletores etc.) promovem maior interesse. Da mesma forma, as práticas que envolveram atividades artísticas, tais como colorir o desenho de um útero e desenvolver os materiais para o mural, foram muito apreciadas.

Em relação ao conteúdo trabalhado com os meninos percebemos que há uma lacuna de atividades e materiais para este público que precisa ser melhor estruturado e testado. Se as experiências em educação menstrual com meninas são incipientes, com os meninos o quadro é ainda menor, faltando referências. Assim criamos um conteúdo para ser trabalhado com eles que envolveu o papel dos homens dentro do tema menstruação, que foi discutido a partir do filme *PadMan*⁵, seguido de uma reflexão sobre a construção da masculinidade e da sexualidade de meninos e homens. A experiência com o filme não foi muito boa, por se tratar de um filme longo e com legendas, acabou não engajando tanto os alunos, apesar de ter gerado boas discussões no final por meio de nossas provocações, e em relação aos temas sexualidade e masculinidade percebemos uma boa recepção, ainda que as noções dos estudantes estivessem muito enrijecidas e carregadas de preconceitos. Por fim, chegamos ao entendimento que seria muito interessante que estes assuntos fossem abordados por um professor homem.

No geral, essa primeira experiência foi muito satisfatória, nos dando base para continuar e aprimorar os trabalhos futuros. Percebemos que se o tema for tratado de forma consciente e respeitosa, em um espaço tranquilo, aberto e criativo, os estudantes ficam interessados, e nós conseguimos nosso objetivo que é contribuir com a promoção da dignidade menstrual, auxiliando o desenvolvimento emocional e intelectual de cada estudante.

Para avaliar os resultados do projeto realizamos uma pesquisa com os estudantes participantes. Construímos um formulário com perguntas específicas para as alunas e outro para os alunos. Algumas das perguntas envolviam percepções sobre a experiência com o projeto; concepções sobre menstruação; interesse no tema; dentre outros assuntos. Após a aplicação do questionário percebemos que seria interessante ter feito um questionário para ser aplicado antes e um após, para vislumbrar mudanças no entendimento dos estudantes, de toda forma, os resultados trazem dados interessantes. De 181 estudantes, 83 responderam o questionário, sendo 43 respostas das alunas e 40 dos alunos, o que correspondeu a quase 46% do público assistido (responder o questionário não era obrigatório).

Vou trazer aqui o retorno de alguns estudantes do Instituto Federal sobre a experiência com o projeto.

5 O filme conta a história de Lakshmikant “Laxmi” Chauha, inspirado na vida real de Arunachalam Muruganatham, um homem que trabalhava em uma oficina mecânica, em uma cidade rural da Índia. Laxmi ficou impactado com a forma na qual sua esposa lidava com a própria menstruação, utilizando panos velhos para conter o sangue, algo que poderia acarretar em várias doenças. Dando conta da situação das mulheres indianas, que não tinham acesso a absorventes descartáveis, por ser um produto caro, resolveu desenvolver seu próprio absorvente. Entretanto, sofreu muito preconceito por levar à luz um tema tabu.

Foi muito boa, consegui melhorar minha concepção sobre a menstruação e ainda entender que esse assunto é bem confortável quando abordado de forma correta.

O projeto foi bem interessante, incluir a menstruação nas discussões escolares não apenas atende às necessidades educacionais dos estudantes, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais informada, equitativa e respeitosa.

Minha experiência foi bem interessante e cheia de curiosidades que eu nem imaginava que teria. Este projeto foi algo inovador e que gostei bastante de me aprofundar, pois nunca foi retratado em nenhuma escola que estudei. Visa nos informar sobre diversos aspectos e conhecimentos sobre nosso corpo e em como ele reage nesse período de menstruação.

Foi uma experiência agradável e até mesmo de libertação, normalizando a conversa sobre o corpo feminino de forma mais simples e compreensiva".

Eu adorei o projeto, além de abranger meu conhecimento sobre o assunto pude entender o lado de minhas amigas.

Foi uma experiência que eu não poderia comparar a alguma outra experiência já vivenciada por mim, isso se deve ao fato do projeto menstruação sem tabu, ser uma experiência única de aprendizado e reflexão, hoje vejo como é necessário a aplicação de um projeto como esse para atingir pessoas de todas as idades.

Pelos relatos, é possível perceber que a experiência dos estudantes do Instituto Federal foi bem positiva, sendo capaz de promover mudanças na concepção e comportamento dos alunos quanto ao tema, visto como algo necessário de ser abordado na escola e não só, havendo inclusive a sugestão de aplicação do projeto para pessoas de todas as idades.

Em relação à ideia de nojo que envolve a menstruação, perguntamos aos estudantes se eles sentiam nojo do sangue menstrual e as meninas 9,3% responderam que sim, 41,9% responderam que depende e 48,8% responderam que não. Já os meninos 12,5% responderam que sim, 27,5% responderam que depende e 60% respondeu que não. Nos surpreendeu que a porcentagem de meninos que responderam negativamente à questão é maior que o das meninas. Algumas das respostas que seguiram esta pergunta apresentamos a seguir:

[MENINAS]

Não sei, acho que foi algo que foi implantado na minha criação.

É só sangue que saiu de mim mesma, não tem motivos para ter nojo justamente por ser algo natural que eu vou ter que conviver mensalmente pelo menos por mais 35 anos.

Eu tenho nojo de qualquer tipo de sangue.

Eu não tenho nojo do meu sangue menstrual em basicamente nenhum momento, mas geralmente sendo de outras pessoas eu passo a não ter muita afeição, não é só por ser sangue menstrual necessariamente, mas qualquer sangue é um fluido de outra pessoa, o que me causa um pouco de aversão dependendo de quem é.

[MENINOS]

Não é algo pra se ter nojo, é algo comum, todo mundo sangra mesmo de uma forma diferente.

O sangue menstrual é parte da mulher, é sangue como qualquer outro sangue, acredito que sintam nojo, pois está diretamente ligado à sexualidade feminina, diferente de outros sangramentos causados por ferimentos, hemorragias, enfim, e por sexualidade também ser um tabu tão rígido quanto este tabu retratado, as pessoas sentem esse nojo, eu porém não vejo diferença entre o sangue menstrual e o sangue que sai do nariz de uma mulher por exemplo, o que vejo é a mensagem que o sangue menstrual carrega consigo, que passa adiante uma história que precisa ser contada, por isso não sinto nojo, valorizo

Eu tenho nojo de qualquer fluido corporal que não seja meu. Pode parecer narcisista, mas é só nervoso. Enxergo o sangue menstrual como se fosse sangue que sai de feridas externas só que mais espesso e nojento igual.

Acho que temos que acostumar, pois isso é uma coisa normal, mas se acontecesse de eu ver assim e tudo não sei qual seria a minha reação.

Não encostaria, mas olhar e sentir o cheiro é de boa.

É possível perceber pelas respostas que há quem sinta nojo de qualquer tipo de sangue ou fluido corporal, não necessariamente de menstruação, há quem sinta nojo da menstruação de outras pessoas e não da própria, há outro que aponta o nojo como uma construção desde a criação e outro que demonstra clara noção sobre o nojo da menstruação estar ligado à sexualidade feminina, sendo, assim, um tabu e há também aqueles que tratam o fluido com naturalidade.

Aos alunos também perguntamos se eles acreditam que a menstruação é um assunto para meninos e homens e 80% respondeu que sim, 20% respondeu que depende e nenhum menino respondeu negativamente. A seguir algumas respostas dadas a essa pergunta:

Ambos nascemos de um ventre, e talvez iremos nos casar um dia com uma mulher, logo é de exímia importância ter ciência desse “evento”, para que saibamos a melhor forma de lidar com a menstruação de mulheres próximas.

Acredito que uma sociedade ideal é aquela onde homens e mulheres não são restritos a convivência social por seus gêneros, eu acredito que o homem na participação da luta feminista é de exímia importância, pois uma participação maior se torna mais abrangente, trazendo mais simpatizantes homens para a causa e principalmente, trazendo mais mulheres para uma realidade onde ela tem valor.

Todos devem ter conhecimento, não necessariamente aprofundado, mas saber pelo menos por cima, é importante pelo fato de quase todos eles terem uma mulher na sua vida, seja mãe, irmã, tia, prima e colegas também, que há muitos casos de acidentes acontecerem e passarem vergonha na escola ou em outros lugares, muitas vezes causadas por eles aliás.

E quando perguntados sobre qual seria o papel dos meninos e homens para romper com o tabu da menstruação recebemos as seguintes respostas:

Auxiliar nas dificuldades que apresentar com as mulheres que você convive.

Estudar sobre e perder o preconceito acerca do assunto.

Terem a mente mais aberta sobre o tema.

Serem mais sensatos sobre o assunto, sem fazer piadas, e sempre que puderem ajudar.

Ajudar as mulheres de sua família quando estiverem passando pelo período menstrual comprando os itens necessários e suporte caso a mulher não consiga cuidar de si mesma sozinha (alguém desabilitado, talvez). Acredito também que pode ser legal passar essas informações para filhos ou sobrinhos...

Primordialmente, manter compostura ao abordar o tema da menstruação, abstendo-se de expressar qualquer aversão ou repulsa. Em segundo plano, cultivar o respeito incondicional pelas mulheres, reconhecendo a importância de suas experiências biológicas.

As respostas demonstram uma boa consciência, sensibilidade e respeito para tratar o tema. O que, em certa medida, nos surpreendeu visto que em sala de aula tivemos episódios de alguns alunos tratarem o tema como algo jocoso, o que acabava constrangendo as meninas. E foi exatamente por comportamentos como este que, metodologicamente, pensamos em ter encontros em que meninas e meninos ficassem separados, para que pudéssemos abordar o tema com mais liberdade e da forma mais confortável possível para as meninas. Contudo, pelas respostas é possível perceber também a riqueza de se tratar deste tema com os meninos, assim, acredito que a metodologia de trabalhar alguns

temas em conjunto e outros, de cunho mais intimista, de forma separada surtiu um bom resultado.

Por fim, a partir do retorno dos estudantes, bem como da direção e dos professores que gostaram muito do projeto e se mostraram abertos a nos receberem em outros momentos, fizemos as assimilações necessárias e buscamos adequar conteúdos e metodologias para novas oficinas. Também como resultado desta primeira experiência iniciamos o processo de compilar as principais informações das oficinas em um guia, que serviria de base para as oficinas e deste resultado surgiu a cartilha “A Voz do Sangue - Guia de Educação Menstrual”, cujo compartilhamento gerará uma série de desdobramentos futuros que serão analisados a seguir.

Quando A Voz do Sangue encontra a voz do conservadorismo

Finalizando o projeto no Instituto Federal, começamos a articular a continuidade do mesmo para o ano de 2024. Nosso objetivo era levar o projeto para escolas municipais da cidade. Na roda de conversa que realizamos como encerramento do projeto no IF, sobre Saúde e Autocuidado Feminino, aberta à comunidade, conhecemos algumas mulheres do Ivert - Instituto Socioambiental das Vertentes que desenvolviam um projeto de letramento racial com as alunas da Escola A, no contraturno escolar. Com esse encontro surgiu a possibilidade de uma parceria.

Apresentamos o projeto e a sequência didática que gostaríamos de implementar com as alunas da escola A ao Ivert, e estes documentos foram encaminhados para a direção da escola, que, por sua vez, encaminhou a documentação à secretaria municipal de educação, recebendo sua aprovação. No dia 24 de março de 2024 iniciamos o projeto na escola em questão e, uma vez por mês, sempre às quartas-feiras, das 15h às 16h30, íamos à escola nos encontrar com as alunas para as oficinas. Realizamos um total de cinco encontros com cerca de 20 alunas, com idades entre 10 e 14 anos. Durante os encontros utilizamos projetor para passar os conteúdos, que envolvem imagens e vídeos, utilizamos modelos anatômicos para facilitar a visualização do aparelho reprodutor e levamos materiais de gestão menstrual, tais como absorventes, calcinhas menstruais e coletores para ensinar as alunas a correta utilização.

Antes do início do projeto, em janeiro de 2025, começamos a produzir a cartilha, intitulada “A Voz do Sangue - Guia de Educação Menstrual”, onde compilamos as informações mais importantes veiculadas nas oficinas, com o desejo de distribuir este material às alunas, para que elas pudessem acessar sempre que necessário. Eu desenvolvi todo o conteúdo textual e junto com uma ilustradora e uma designer produzimos a cartilha,

que foi amplamente elogiada por seu conteúdo e valor estético. A cartilha ficou pronta no dia 26 de abril, sendo distribuída pela primeira vez na Escola A, no dia 22 de maio, nosso terceiro encontro, sendo muito bem recebida pelas alunas. Depois disso, ainda tivemos mais dois encontros e encerramos o projeto em julho sem qualquer intercorrência por parte das alunas, pais ou direção escolar até haver uma reclamação iniciada em outra escola.



Figura 3. Capa da Cartilha "A Voz do Sangue".

Fonte: Janaina Morais.

Por meio de uma ex-professora da Escola B, ficamos sabendo que a escola era aberta a receber projetos e foi amplamente elogiada pela professora por ser um espaço cativante, nas palavras dela "Você vai amar lá e não vai querer sair!". Entramos em contato com a diretora da escola, que recebeu uma cópia do projeto e a sequência didática e após uma reunião concordou em receber o projeto na instituição. Antes do início do projeto, no dia 17 de abril, fizemos uma reunião com a secretária de educação municipal, junto com outras pessoas que também iriam desenvolver diferentes projetos na escola. Enquanto os

outros projetos iriam precisar aguardar aprovação futura, por envolver outras pessoas além dos alunos, o projeto Menstruação sem Tabu foi aprovado na reunião em questão, pelo fato de ser realizado somente com os estudantes. De todas as formas, achamos por bem aguardar a aprovação de todos os projetos para iniciar o nosso e assim foi feito. É necessário acrescentar, que nesta ocasião a cartilha só não foi apresentada à secretária porque ainda não estava pronta, como mencionado anteriormente, recebemos as cartilhas impressas no dia 26 de abril. Contudo, a diretora da Escola B recebeu uma cópia antes do início do projeto, que foi aprovada por ela e amplamente elogiada.

Assim, o projeto teve início no dia 24 de maio, dentro do horário regular, na disciplina de ciências, com os alunos do 8º e 9º ano, abarcando tanto meninas quanto meninos e previa uma série de quatro encontros de aulas geminadas. O projeto se adequa à necessidade de cada escola, em alguns casos fazemos no contraturno escolar somente com meninas, como foi na Escola A, em outros fazemos dentro da grade curricular, envolvendo todos os estudantes, como foi também no Instituto Federal. Desta forma, o conteúdo é adequado ao contexto escolar e adaptado às diferentes faixas etárias. É preciso destacar inclusive, que a cartilha é utilizada apenas como base para as aulas, dentro de sala de aula o conteúdo é ainda mais aprofundado e elaborado de acordo com a realidade da instituição.

No dia 21 de junho voltamos à escola para realizar nosso segundo encontro. Neste encontro dividimos as salas entre meninos e meninas, trabalhando conteúdos específicos para cada um e foi esta a ocasião na qual as meninas receberam a cartilha pela primeira vez (a cartilha foi desenvolvida exclusivamente para as meninas). No dia 26 de junho fui informada pela diretora da escola que todos os projetos que estavam sendo executados haviam sido suspensos pela secretaria de educação, sem mais informações. Somente no dia 2 de julho fui informada pela diretora que a cartilha entregue às alunas havia sido alvo de reclamações à secretaria, o que provocou a possibilidade de cancelamento de todos os outros projetos. E somente no dia 4 de julho a diretora conseguiu me relatar sobre a reclamação ter sido feita por um vereador (MDB) que também é pastor e presidente da câmara municipal, que, de acordo com ela, recebeu a cartilha de um pai de uma aluna e, por isso, o projeto estava suspenso até que a secretaria fizesse uma devida averiguação. As cartilhas haviam sido recolhidas, sem exposição dos fatos e arquivadas no que chamam de “arquivo morto”. Depois disso, o vereador, ao saber que o projeto estava sendo realizado também na Escola A, fez outra reclamação pedindo sua suspensão. Desta forma, na Escola B não pudemos concluir o projeto, faltando dois encontros para sua finalização.

Após a suspensão das atividades pela secretaria, tal fato chegou ao conhecimento do Conselho Municipal de Educação da cidade que pediu uma reunião extraordinária com a secretária de educação para maiores esclarecimentos. Participei dessa reunião, e o que me foi esclarecido sobre o caso é que o vereador, ao receber a cartilha, ficou consternado com o conteúdo que, de acordo com ele, estaria difamando a bíblia e incentivando os estudantes a beberem sangue menstrual. Fiquei estarecida com esta interpretação da cartilha que, a meu ver, é totalmente equivocada e expliquei todo o conteúdo do material, seu embasamento científico, pautado em dez anos de pesquisa sobre menstruação. Os conselheiros que estavam presentes e leram o conteúdo da cartilha concordaram com meus apontamentos, comentando o absurdo que é a suspensão deste projeto e da forma como aconteceu. Na ocasião, a secretaria municipal de educação, por meio do diretor pedagógico, explicou como a reclamação chegou a eles, falaram que a suspensão se deu por não ter conhecimento prévio da cartilha e nem do projeto e que ambos precisavam ser analisados para que o projeto fosse retomado ou não. Causou-me espanto a fala do diretor pedagógico sobre a secretaria de educação não terem conhecimento do projeto, visto que tivemos reunião com a secretária, previamente, apresentando o mesmo, que já estava sendo realizado em outra escola com a autorização deles. O único apontamento verídico seria o fato de não terem tido conhecimento sobre a cartilha, pois como mencionei anteriormente, ela não estava pronta na ocasião da reunião e, ainda, assim, os conselheiros apontaram que a direção das escolas tem liberdade de cátedra e gestão para autorizar o material e que a forma na qual a situação foi conduzida seria um caso de ingerência da secretaria.

Muito ainda foi dito e explicado e no fim, a maioria dos conselheiros votou pela retomada do projeto. Em setembro tive conhecimento que a secretaria deu seu parecer mantendo a decisão de suspender as atividades do projeto e quando achei que este assunto estava encerrado, no dia 2 de outubro o vereador e pastor, candidato a reeleição, postou um vídeo no seu Instagram, falando sobre a retirada do projeto das escolas, mencionando que a cartilha estava fora dos parâmetros do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), e dizendo que a cartilha trazia conteúdos de medicina alternativa que incentivava as crianças a usarem o sangue menstrual como alimento, para fazer pinturas, além de incentivar a automutilação para os meninos. A seguir o conteúdo escrito do vídeo:

"Atenção pais de [nome da cidade], o que eu vou falar aqui é muito sério. No mês de junho eu recebi a denúncia de um pai, que a sua filha tinha recebido um material na sua escola, numa escola municipal, falando sobre dignidade menstrual (Aparece DIGNIDADE MENSTRUAL em letras garrafais, riscado). A cartilha que tem pelo título A Voz do Sangue,

apresentou fora do PNLD, Plano Nacional do Livro Didático, ensinamentos de medicina alternativa, onde instiga a crianças a usar sangue menstrual como alimento, o sangue menstrual para fazer pinturas, fora a questão de automutilação em relação aos meninos. Tudo isso você pode conferir nesta cartilha que está escrito e eu vou deixar em pdf para você consultar. (LINK NOS COMENTÁRIOS). E eu falo para você como isso aconteceu? Foi uma ONG que apresentou junto à secretaria de educação um plano de contraturno escolar, mas na prática trouxe essa coisa horrenda para nossas escolas. No período da denúncia, notifiquei o prefeito que, claro, apresentou desde já e prontidão sua atuação e foi suspenso de todas as escolas municipais essa proposta de apresentação desta cartilha para demais escolas. Mas eu pergunto para você e as crianças que foram expostas a esse tipo de conteúdo? Fique de olho pai, se isso tá chegando na sua casa. Nós precisamos estar defendendo sempre as nossas crianças e eu, pastor Ewerton, como vereador desta cidade, estou atento a essas demandas. Deus abençoe vocês e peço seu voto para continuar na câmara municipal e atuando sobre nossas escolas para que nunca mais uma cartilha como essa seja apresentada em nossa cidade. Isso aqui não passa de um lixo!” (JOGA A CARTILHA NA MESA) Aparece a vinheta de campanha e fecha o vídeo.

O vereador ainda disponibilizou um link no seu Instagram para que qualquer pessoa pudesse acessar, reproduzindo todo o conteúdo da cartilha na íntegra e na legenda do vídeo ainda menciona que a cartilha foi denunciada junto ao Ministério Público⁶ e que a mesma seria uma “afrenta aos ensinamentos familiares para nossas crianças”. Este vídeo feito em colaboração com outros quatro perfis (incluindo o de sua esposa que é pastora e seu sogro que também é pastor), recebeu 553 curtidas, 79 comentários e 1.014 compartilhamentos, tendo 15.800 visualizações. Além disso, ele fez uma versão curta do vídeo que teve 122 curtidas, 15 comentários e 32 compartilhamentos, tendo 6.835 visualizações.

Vamos analisar os argumentos levantados pelo vereador em relação à cartilha. Sobre o fato da cartilha não estar em concordância com o PNLD, ponto que foi discutido durante a reunião com o conselho municipal de educação, uma das conselheiras argumentou que o fato da cartilha não estar dentro dos padrões do PNLD, não afeta a realização do projeto e outra conselheira ainda acrescentou que o projeto está de acordo com as normas da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação

6 O processo aberto pelo vereador foi instaurado, o Ministério Público entrou em contato com a Secretaria Municipal de Educação pedindo informações e logo foi arquivado. Contudo o vereador pediu a reabertura do mesmo, fazendo com que o Ministério Público iniciasse uma investigação mais minuciosa, entrando em contato novamente com a Secretaria Municipal de Educação, com a direção das escolas envolvidas e comigo. A partir dessas apurações, o Ministério Público arquivou novamente o processo por não encontrar qualquer indicativo de delito.

Nacional) e seguindo ainda orientações da Unicef de trabalhar o tema da educação menstrual, diante do cenário alarmante da pobreza menstrual no Brasil.

Sobre a questão que envolve os conhecimentos de medicina alternativa, que supostamente estariam instigando os estudantes a usarem o sangue menstrual como alimento e fazer pinturas com o sangue, estes dois assuntos foram abordados em uma sessão da cartilha que trata sobre criar novos referenciais em relação à menstruação, que busquem valorizar o sangue menstrual, contudo, em nenhum momento os estudantes são instigados a utilizarem o sangue como alimento, eles são instigados a perceberem que o sangue menstrual pode ser encarado como algo para além da ideia de nojo, sujo, morto, trazendo outras visões possíveis. Assim, nesta sessão falamos sobre uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que utiliza o sangue menstrual em pesquisas sobre células tronco (Manica, Goldenberg & Asensi, 2018), em seguida abordamos o movimento de “plantar a lua”, que consiste em devolver o sangue menstrual diluído em água à terra, fertilizando as plantas, logo falamos sobre as medicinas menstruais, que é uma técnica desenvolvida por uma terapeuta menstrual argentina de utilizar o sangue menstrual para se criar homeopatias, tinturas e unguentos, depois abordamos a arte menstrual, mostrando como muitas mulheres utilizam o sangue para criar artisticamente e, por fim, trouxemos a educação menstrual para fechar o ciclo de novas representações. Em nenhum momento tratamos o sangue como alimento e sim falamos sobre sua possibilidade de ser utilizado como remédio, e essa informação é passada de forma contextualizada, da mesma maneira que ocorre com a questão da arte menstrual. Vou reproduzir aqui os dois textos na íntegra como aparece na cartilha:

“Sangue que vira remédio! Ainda mais curioso e intrigante são as medicinas feitas com sangue menstrual. É possível fazer tinturas, homeopatias, unguentos, cristais e amuletos com o sangue, mas primeiro a pessoa precisa realizar um processo de limpeza alimentar e ingerir cinco tipos de plantas medicinais para limpar o corpo e coletar o sangue. Esse método foi desenvolvido pela terapeuta menstrual argentina Zulma Moreyra, que acredita que a medicina com o sangue funciona como um elixir, trazendo diversos benefícios físicos e emocionais para a pessoa que o consome. A antropóloga e terapeuta menstrual Doutora Janaina Moraes realizou uma pesquisa sobre o assunto – saiba mais no final da cartilha”. (A Voz do Sangue, 2024, p. 13)

“Sangue que vira arte! Muitas artistas criam pinturas, fotografias e performances que envolvem o sangue menstrual para se conectar com a força dele, trazer visibilidade ao tema (quebrar o tabu!) e inspirar questionamentos e rupturas sobre o significado do sangue menstrual em nossa sociedade”. (A Voz do Sangue, 2024, p. 14)

Como é possível perceber, as interpretações feitas pelo vereador e pastor sobre o conteúdo são enviesadas e aparecem em sua fala de forma totalmente descontextualizadas, gerando assim uma série de equívocos, que alcançam um patamar muito grave quando ele sugere que a cartilha instiga os meninos à automutilação. Para tratar deste ponto específico que, ao meu ver, é um dos mais delicados, vou contextualizar como essa informação aparece na cartilha, é preciso, contudo, destacar que em nenhum momento usamos a palavra “automutilação”.

Para construir o conteúdo da cartilha nós desenvolvemos uma personagem, a Rainha Vermelha, que seria a personificação do sangue menstrual. A cartilha inicia com a apresentação desta personagem que convida as pessoas a conhecerem sua história. Assim, o primeiro conteúdo da cartilha fala sobre a menstruação em diversas perspectivas socioculturais, ou seja, como o sangue menstrual foi sendo percebido ao longo da história e em diferentes culturas. Iniciamos com a ideia mais comum do sangue menstrual como algo impuro, trazemos uma passagem do livro Levíticos que aborda uma série de interdições sobre a menstruação, falamos também como essa visão muda na Idade Média, quando palavras como “lua” e “flor” foram utilizadas para se referir à menstruação e voltamos mais ainda no tempo, na Idade da Pedra, quando a menstruação era vista como algo divino, depois apresentamos como a menstruação é encarada pelos Beng, um grupo étnico da Costa do Marfim, para quem a mulher menstruada cozinha a melhor comida e finalizamos com a curiosa história da ilha de homens menstruantes na Nova Guiné, os homens Wongeo, que praticavam rituais mensais de “sub-incisões”, realizando pequenos cortes no próprio pênis, para se purificarem do que a religião Wongeo chama de “poluição causada pelo ato sexual”.

Todas essas histórias são trazidas de forma contextualizada, embasadas em textos antropológicos sobre o tema, com o propósito de mostrar que a história da menstruação não é algo universal e nem mesmo linear, cada cultura ou tempo histórico terá diferentes noções e percepções sobre a menstruação. E a história da ilha de homens menstruantes aparece também para levantar um ponto muito importante que diz respeito ao fato de a menstruação, ainda que seja uma prerrogativa feminina, não é exclusividade das mulheres. E logo em seguida mencionamos, que sabemos que não são só as mulheres que menstruam, homens trans e pessoas não binárias também podem receber a menstruação, e é por este motivo que também utilizamos a expressão “menstruantes” no material.

Percebam, então, como a interpretação que o pastor e vereador faz do material é feita de forma moralista e até desonesta? Mobilizando assim a sua base eleitoral, causando medo e chamando os pais para estarem atentos em suas casas, buscando garantir votos,

ao se apresentar como um grande defensor das crianças, da família e dos bons costumes. Por fim, ainda, finaliza o vídeo afirmando seu compromisso de seguir fiscalizando as escolas para que este tipo de conteúdo nunca chegue na cidade, pois a cartilha não passa de um "lixo"! E mais uma vez o sangue menstrual é tratado como algo ruim, dispensável, descartável e morto, só reforçando paradigmas, o que fica mais evidente quando a decisão da secretaria de educação em visita técnica à escola⁷, logo após a reclamação do vereador, opta por recolher todas as cartilhas dos estudantes e destiná-las ao "arquivo morto".

A seguir vou reproduzir alguns comentários da versão original do vídeo, para seguirmos as análises do caso. O primeiro comentário fixado pelo vereador é de sua própria esposa, que também é pastora, e diz o seguinte:

REPÚDIO TOTAL

Um absurdo!!! Foi entregue sem qualquer autorização dos pais! Monstruosa a capa da cartilha...e olha os detalhes contidos nela:

diz que a Bíblia é "um livro retrógrado".

mostrou para adolescentes a possibilidade de usar o sangue menstrual para cultivo de plantas

para alimento

para arte

para medicina

na linguagem não diz "mulheres", mas o livro se direciona a "seres menstruantes"

fala de automutilação em meninos!

NÃO MEXAM COM NOSSAS CRIANÇAS E NEM COM NOSSA FÉ!

O comentário da esposa do vereador, segue a mesma linha do vídeo, acrescentando algumas informações novas, primeiro em relação à capa que seria "monstruosa", a capa da cartilha é o rosto da personagem que foi criada por uma ilustradora, a Rainha Vermelha, que é uma figura feminina de pele preta e cabelos volumosos, de vários tons de vermelho, como vocês podem ver em ilustração anterior. Esse comentário da pastora, que é uma mulher branca, soa bastante racista, principalmente quando na minha experiência tenho o contraponto de uma mulher preta que quando viu a Rainha Vermelha na capa da cartilha disse pra mim, "Nossa! Amei! Me senti muito representada!".

7 No dia 27 de junho de 2024 o vereador, junto com representantes do gabinete do prefeito estiveram na Escola B para fiscalizar a reclamação recebida e no dia 28 de junho de 2024. Também esteve presente na escola o diretor pedagógico da secretaria municipal de educação e, desta visita, foi gerado um Termo de Visita Técnico que me foi enviado posteriormente pela diretora da escola.

Em seguida vem os detalhes da cartilha que ela elenca com emojis de vômitos. É muito comum nos comentários dos usuários da internet em relação ao tema da menstruação utilizarem os emojis de vômito, algo que eu observei na minha tese de doutorado (Morais, 2021) quando analisei os comentários em uma matéria de jornal sobre a exposição de arte menstrual que eu desenvolvi - os usos dos emojis de vômito foram incontáveis para expressar a reação dos usuários diante de uma exposição de arte menstrual.

Seguindo as análises, a pastora fala que a cartilha diz que a bíblia é um “livro retrógrado”, colocando a frase entre aspas, como se tivesse citando literalmente o que está escrito na cartilha, entretanto, em nenhum momento falamos que a bíblia é um livro retrógrado. Como disse anteriormente, no momento em que estamos contando a história da menstruação, trazemos diversas perspectivas culturais sobre o tema, incluindo aquelas que tratam a menstruação como algo ruim, sujo, nojento e até mesmo perigoso. Abrimos com um quadrinho intitulado “Você sabia?”, que traz as seguintes informações:

“Há quem acredite, por exemplo, que se uma pessoa menstruada tocar algum alimento, ele pode estragar. Também há quem proíba o contato de menstruentes com outras pessoas durante o período menstrual, impeçam a prática de atividades físicas, banhos de mar e a ingestão de alguns alimentos, dentre várias outras interdições”. (A Voz do Sangue, 2024, p.4)

Em seguida trazemos uma passagem de Levíticos que fala sobre a menstruação, aqui vou reproduzir exatamente o que está na cartilha:

“Quando uma mulher tiver fluxo de sangue que sai do corpo, a impureza da sua menstruação durará sete dias, e quem nela tocar ficará impuro até a tarde. Tudo sobre o que ela se deitar durante a sua menstruação ficará impuro, e tudo sobre o que ela se sentar ficará impuro. Todo aquele que tocar em sua cama lavará as suas roupas e se banhará com água, e ficará impuro até a tarde. (...) Se um homem se deitar com ela e a menstruação dela nele tocar, estará impuro por sete dias; qualquer cama sobre a qual ele se deitar estará impura.” (A Voz do Sangue, 2024, p. 5).

Em seguida a essa passagem, mencionamos que “a Bíblia cristã é uma referência para muitas culturas e as concepções negativas sobre o sangue menstrual estão muito presentes nela – embora esta não seja a única narrativa que exista” (A Voz do Sangue, p. 5). Em nenhum momento falamos sobre a bíblia ser retrógrada, só dizemos que a concepção negativa sobre o sangue, tratado como impuro está presente na Bíblia, como também está presente em várias outras culturas e livros, e que por ser o livro mais lido e vendido do mundo (dado que falo em sala de aula), isso pode influenciar a forma na qual encaramos a menstruação, entretanto, não é a única concepção. Assim, logo depois,

trazemos os dados referentes à Idade Média, a Idade da Pedra e de outras culturas como já mencionado anteriormente. Contudo, somente por trazer a palavra “negativa” junto à Bíblia já se faz a leitura depreciativa do conteúdo, como se estivéssemos difamando a Bíblia. Com este argumento sendo levantado para deslegitimar o conteúdo da cartilha e até mesmo o projeto, fica evidente a falácia da ideia de laicidade do Estado, pois um pastor, que é vereador, foi até a escola, pedir a suspensão de um projeto que tem como material um conteúdo que de acordo com a sua interpretação estaria difamando a Bíblia e corrompendo as crianças. “NÃO MEXAM COM NOSSAS CRIANÇAS E NEM COM A NOSSA FÉ!”, é a frase que encerra o comentário da pastora. E, ainda que este argumento tenha sido levantado na reunião com o conselho municipal de educação, como um argumento que não justifica a suspensão do projeto e o tempo todo o diretor pedagógico tenha deixado claro que a sua Bíblia são as Leis Educacionais e tanto o projeto quanto a cartilha seriam analisadas sob esse olhar, no parecer final em relação ao projeto, a análise pedagógica diz o seguinte sobre a cartilha em relação a essa passagem:

Em análise à cartilha que é parte do projeto “Menstruação sem Tabu, pode se considerar que o Guia de Educação Menstrual “A Voz do Sangue”, contempla aspectos sociais, culturais e científicos, perpassando por viés econômico e sustentável sobre a menstruação. Observou-se ainda que o documento é apresentado de forma didática, utilizando-se linguagem formal e acessível aos estudantes. Contudo, ressaltamos que na página 5, a abordagem referente à Bíblia Cristã traz os termos “concepções negativas”, que podem gerar conflitos com os dogmas religiosos dos sujeitos envolvidos”. (Secretaria de Educação da cidade, Parecer Pedagógico, 2024).

Além disso, no que diz respeito aos conteúdos que aparecem na sessão de novos referenciais, o parecer da secretaria acredita que por conta destes conteúdos o projeto deva ser apresentado aos familiares antes de sua execução, “especialmente aos aspectos tratados nas páginas, 12, 13 e 14, devido à cultura e formação das famílias”. Em toda a análise pedagógica realizada pela secretaria estes são os únicos pontos levantados contra o projeto, que apontam os mesmos conteúdos levantados pelo pastor. É entendido que a temática está contemplada no currículo nacional, que o projeto e a sequência didática apresentada está em consonância com o que se espera de um projeto pedagógico, contudo por conta destes pontos mantém-se a suspensão do projeto, o que ao meu ver, novamente, não justifica a suspensão do mesmo, no máximo uma readequação de abordagem. Contudo, cabe aqui ressaltar que o prefeito estava em concordância com a ação do vereador em relação ao projeto, e representantes do gabinete do prefeito acompanharam o vereador em visita à escola. Então, ainda que o diretor pedagógico afirme que a sua Bíblia são as

Leis Educacionais, sabemos que a secretaria está subjugada à prefeitura, que é comandada por um missionário católico.

Assim, não me surpreende que mais uma vez, em nome da religião, da moral e dos bons costumes, meninas, mulheres e pessoas menstruantes estejam sendo privadas de receber informação de qualidade sobre seus corpos, ciclos e sexualidade. Reitero que os pontos levantados não justificam a suspensão do projeto, contudo é mais fácil cortar, podar, arquivar, do que dialogar.

Depois do comentário da pastora seguiram outros comentários em apoio à atitude do vereador:

“Eu trabalho na maior escola municipal de [nome da cidade] e nunca soube desse material e nem tive acesso... me causou estranheza sua publicação... inclusive me lembrou até do Bolsonaro com aquela cartilha nas redes sociais... me causa estranheza esse material chegar até vocês e nós que trabalhamos diretamente dentro da escola não termos acesso a isso... inclusive tudo que entra nas escolas tem que ter autorização da Sedec”.

A lembrança dessa pessoa sobre o caso do Bolsonaro é extremamente pertinente para analisar essa situação envolvendo a cartilha “A Voz do Sangue”. Ao longo da campanha eleitoral de 2018, o então candidato Bolsonaro, chegou a levar o livro “Aparelho Sexual e Cia”, lançado há mais de 20 anos na França e traduzido para mais de 25 países, ao Jornal Nacional, da TV Globo, pois de acordo com o candidato, tal livro comporia o material didático oferecido a professores por outro candidato à presidência, o Fernando Haddad. Esse livro já estava no radar de Bolsonaro, desde quando, ainda deputado, em 2011 fez campanha contra o programa Escola Sem Homofobia, que seria instituído pelo Ministério da Educação (MEC) na gestão de Fernando Haddad. Por causa da forte oposição, que afirmava que o conteúdo do material estimula o “homossexualismo (sic) e a promiscuidade”, o projeto não foi lançado. A deturpação do conteúdo por seus apoiadores, serviu para alimentar uma série de fake news a respeito do suposto “kit gay” (Pina, 2018). Entretanto, o livro “Aparelho Sexual e Cia” nunca fez parte do programa Escola Sem Homofobia, na ocasião o MEC financiou uma cartilha própria para orientar os professores sobre cidadania e direitos da população LGBTQIAPN+. Também no mesmo período surgiu outra notícia falsa envolvendo Fernando Haddad, por meio de um vídeo vulgarmente conhecido por “mamadeira de piroca”, em que um homem mostra uma mamadeira com o bico no formato do órgão genital masculino dizendo que o item foi distribuído em creches pelo PT a mando de Fernando Haddad. O caso ganhou repercussão internacional, e embora não haja estudos que evidenciem de forma definitiva a influência de notícias falsas como

esta nas eleições, episódios como este são frequentemente referenciados como tendo sido um dos responsáveis pela eleição de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil em 2018.

Tornou-se comum a deturpação de fatos, ou mesmo a criação de informações falsas para manipular as pessoas, a fim de conseguir uma boa votação nas eleições. Infelizmente, o nosso projeto e a cartilha foram utilizados pelo vereador e pastor com este mesmo propósito, visto que durante a visita técnica na escola ficou-se acordado entre as partes que o projeto seria suspenso e as cartilhas seriam recolhidas sem qualquer exposição dos fatos aos estudantes e comunidade escolar, contudo, quatro dias antes das eleições o vereador faz a exposição do ocorrido, manipulando a informação em seu benefício, tendo uma boa repercussão nas redes sociais e conseguindo mobilizar sua base eleitoral de forma eficaz, como podemos perceber nos comentários que seguem:

Eu fico em paz em saber que temos alguém que nos defende.

Por isso, e por tantos outros motivos [número do candidato] dia 06/10.

Absurdo. A importância de ter alguém nos representando.

Meus netos estudam na rede pública, louvo a Deus pelo seu comprometimento com a segurança das nossas crianças. A seriedade do seu trabalho muito nos alegra #[número do candidato].

Está repreendido em nome de Jesus que Deus proteja nossos filhos.

Por isso a importância de termos um homem de Deus lá! Que vai cuidar da nossa cidade, não só da infraestrutura, mas também cuidas das nossas crianças!! MEU VOTO E [número do candidato]!!

JESUS toma conta de nossas crianças. A maldade extrema está no ar. Uma batalha espiritual muito grande. Vamos orar e muito. Só DEUS PAI nas causas contra Satanás.

Misericórdia! Tenho medo de pôr filho no mundo, hoje em dia as escolas estão tomadas pela cultura inútil.

Que pouca vergonha! É inadmissível termos livros desse nível nas nossas escolas tentando mexer com a mente das nossas crianças! Ainda bem que temos o senhor para defender os direitos da família, princípios e valores! Por isso que meu voto é [número do candidato].

Parabéns Pr. [nome]. Lugar de lixo é no lixo! Orgulho de você, que Deus continue te abençoando.

Indignação com este lixo introduzido na vida de nossas crianças. Ainda bem que Deus levanta homens valentes para lutar e proteger nossas crianças. Meu voto é [número do candidato].

É um absurdo! Livro nojento! Por isso é tão importante que nosso vereador pr. [nome] continue no mandato [número do candidato]!!

Fico feliz que as crianças de nossa cidade têm sido protegidas e sua inocência preservada! Assuntos como este não podem ser tratados desta forma e muito menos por uma escola.

Sua atuação firme e comprometida com o bem-estar das nossas crianças fez toda a diferença. O conteúdo impróprio foi retirado das escolas, garantindo que o ambiente escolar continue sendo um lugar seguro e de formação de bons valores. Que Deus continue te abençoando nessa caminhada em defesa da família e de nossas crianças.

A maioria dos comentários fazem coro ao absurdo que é este tipo de projeto, tratando a cartilha como lixo, seguindo a mesma atitude do vereador no vídeo, demonstrando preocupação e medo em relação às crianças expostas a esse tipo de proposta pedagógica, mencionando também a importância de haver um homem de Deus, defensor da família, da moral e dos bons costumes na câmara legislativa e declarando o apoio à reeleição do vereador.

É possível perceber, pelos comentários, que o vereador foi bem sucedido em utilizar essa informação em sua campanha. Este vídeo é o que teve maior repercussão em sua rede social, em relação a todos os outros conteúdos veiculados durante a sua campanha eleitoral e o vereador conseguiu a reeleição, sendo o terceiro vereador mais votado da cidade.

Ainda que toda esta situação seja bastante desagradável, para dizer o mínimo, ela abre o campo para muitas reflexões importantes sobre os desafios de implementação deste tipo de projeto na rede pública de ensino. Para seguir as análises vou acrescentar alguns dados que provêm de outras fontes. A primeira é o Termo de Visita Técnico que a Secretaria de Educação fez na escola em questão e que já mencionei anteriormente. Este termo menciona que o vereador não só mais uma vez fala sobre a questão da cartilha não estar referendada no PNLD, como também acrescenta que haverá uma provação da secretaria de saúde local, para que ela auxilie de forma mais clara e técnica, já que seria de responsabilidade da saúde tal matéria. Este ponto levanta uma questão que surge para nós que estamos pensando em educação menstrual. Quem tem competência para lecionar, assumir ou julgar este tipo de vivência e conteúdo? São os profissionais da saúde? Nos poucos artigos que encontramos sobre experiências de educação menstrual em escolas (Matos et al., 2023; Lima et al., 2023), quem têm trazido este tipo de debate em sala de aula tem sido os profissionais da saúde, contudo, sempre de forma muito pontual, sem muitas reflexões e aprofundamentos e seguindo somente o modelo biomédico. Não é que não iremos trazer informações da medicina e biologia sobre o funcionamento do corpo humano e da menstruação, mas por se tratar de um tema complexo, transdisciplinar e

multidimensional, como é a pobreza menstrual, é extremamente necessário aprofundar nas discussões, trazendo elementos históricos, sociais, econômicos, debatendo a questão do tabu que envolve o tema, procurando em alguma medida criar um espaço que promova uma reflexão que busque romper com este estigma, competência esta que talvez os profissionais da saúde não tenham adquirido em sua formação. Então, o vereador não só contesta o conteúdo da cartilha e o projeto, como também, mesmo que de forma indireta, levanta a questão de quem tem autoridade para falar sobre este tema. Ou seja, eu, uma pesquisadora com título de Doutora, com dez anos de experiência em estudos sobre menstruação, por ser antropóloga, aos olhos do vereador, não tenho competência para tal. E essa ideia é reforçada quando no Termo de Visita Técnico fica decidido que “o tema “Menstruação” não deixará de ser trabalhado, mas será realizado dentro das limitações dos Livros de Ciências do PNLD e através dos Professores Regentes de Ciência do Quadro Funcional da Unidade”.

Os desafios de execução deste tipo de projeto são muitos, pois falar sobre menstruação e temas tangenciais tais como gênero e sexualidade em uma instituição pública, como a escola, não é algo simples. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são a forma na qual os conhecimentos se estruturam e articulam na comunidade escolar, que estavam em vigor desde 1997 até 2017, compreendiam uma possibilidade de elaboração de conteúdos ligados aos estudos de gênero e sexualidade no ambiente escolar.

Juntamente com outras áreas, a Orientação Sexual era apresentada enquanto Tema Transversal (PCN, 1997), ou seja, seus conteúdos, incluído a menstruação, poderiam ser desenvolvidos ao longo de todo o currículo, em disciplinas e anos variados, o que possibilitava o ensino sobre o ciclo menstrual para meninas antes que este se iniciasse, preparando-as para as mudanças que enfrentariam então. Todavia no ano de 2017 foi aprovada a terceira versão da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que substituiu os PCNs e deixou uma lacuna sobre as temáticas de gênero no currículo escola. (Reyes, Silva & Jung, 2023, p.51).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) a menstruação é um tema que deve ser trabalhado na disciplina de Ciências, no 8º ano do ensino fundamental, dentro da unidade temática que vai abordar mecanismos reprodutivos e sexualidade. É, contudo, fundamental destacar que a pedido do Ministério da Educação, as temáticas de gênero e sexualidade foram suprimidas do texto final pelo Conselho Nacional de Educação (órgão redator da BNCC). Dessa forma, esse assunto ficou restrito a uma abordagem dos aspectos biológicos e fisiológicos do aparelho reprodutor feminino (Reyes, Silva & Jung, 2023). Ainda que este tema deva ser abordado na escola, o relatório da UNFPA e UNICEF

(2021) sobre a Pobreza Menstrual no Brasil, aponta que 71% dos jovens entre 13 e 24 anos, relataram a inexistência de aulas, palestras ou rodas de conversa sobre o tema da menstruação nas instituições escolares que frequentaram, ou seja, estar incluído como tema obrigatório na disciplina de ciências não é garantia que o mesmo será trabalhado em sala de aula e na profundidade que poderia e deveria.

A decisão de limitar a abordagem deste tipo de conteúdo nas escolas está relacionada a um movimento conservador que tem encarado a abordagem de tais temas como “ideologia de gênero”, posicionando contra a inclusão do ensino sobre gênero e sexualidade nos planos de educação seja em nível nacional, estadual ou municipal. Ainda que o argumento de ideologia de gênero não tenha aparecido no vídeo do vereador, o link no qual ele disponibiliza em seu Instagram, com a cartilha completa, junto a este mesmo arquivo, encontra-se um documento endereçado à secretaria municipal de educação que menciona o material disponibilizado pelo projeto como um livro que “aborda aspectos sensíveis da ideologia de gênero”. Dentro deste contexto, levar essa discussão às escolas sempre irá depender de um aval da Secretaria de Educação, bem como da direção da escola, além da adesão do corpo docente, da comunidade estudantil e dos familiares e não estará isento de represálias ainda com todas as autorizações concedidas, vide o exemplo do que aconteceu com o projeto “Menstruação sem Tabu”.

Acredito, assim, que o maior desafio para a implementação deste tipo de projeto está em transpor as barreiras desse movimento conservador e acredito ainda, que todos esses desafios só enfatizam a importância de projetos que envolvem a educação menstrual, pois estamos lidando com uma pedagogia e conteúdos emancipadores contra um movimento que se beneficia da desinformação. Além disso, os impactos deste tipo de iniciativa na formação dos estudantes são notáveis, como fica claro nos relatos dos estudantes que participaram do projeto no Instituto Federal.

Como na Escola B não pudemos concluir o projeto e aplicar nosso questionário final, somente o inicial, não foi possível mensurar o impacto das oficinas na formação dos estudantes, mas durante as aulas pudemos perceber os estudantes muito envolvidos e interessados no tema. Já na Escola A pudemos realizar a pesquisa prévia e a posterior. Na prévia vemos a completa falta de informação das alunas sobre o tema e o desejo de compreender mais o que se passa com seu corpo e na posterior podemos perceber um avanço na compreensão destes temas e o desejo que o projeto se perpetue. No nosso último encontro ouvi de várias alunas frases do tipo: “semestre que vem você volta, né tia?”; “Tem que voltar!”; “Eu gostei muito!”. Além disso, a diretora da escola relatou perceber uma melhora nas alunas em vários aspectos, tanto pessoal, de autoestima, quanto também comportamental, de higiene básica.

Considerações finais

É uma lástima que o conservadorismo tenha impedido a continuidade do projeto nas escolas da cidade e que tanto o projeto quanto a cartilha tenham sido utilizados de forma leviana pelo pastor para garantir sua reeleição. Poderíamos revisar o conteúdo e abordagem das oficinas? Sim, com toda certeza! Seria suficiente para que o projeto tivesse continuidade? Improvável. Acredito que se não fosse esse conteúdo outros assuntos abordados também poderiam ser interpretados de forma equivocada e manipulados para favorecer a suspensão do mesmo, porque no fim das contas estamos lidando com informações e metodologias emancipadoras, capazes de romper tabus consolidados e fazerem as pessoas pensarem de forma diferente sobre si próprias, algo nada atrativo para um movimento que se beneficia da falta de informação e conhecimento.

Por fim, acredito que sim, as oficinas e os conteúdo são capazes de causar transformações visíveis no pensamento e comportamento dos estudantes, promovendo assim um espaço mais respeitoso e digno para as pessoas que menstruam e que o maior desafio de implementação deste tipo de projeto, para além dos desafios técnicos, metodológicos e de infraestrutura é transpor as barreiras do conservadorismo, presentes em diversas instâncias.

Referências

Lima, et al. 2023. Pobreza menstrual entre adolescentes de uma escola estadual em Rio Verde – Goiás. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 5, e15112541629. (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i5.41629>

Manica, Daniela Tonelli; Goldenberg, Regina Coeli dos Santos; Asensi, Karina Dutra. 2018. CeSaM, as células do sangue menstrual: Gênero, tecnociência e terapia celular. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 93-113, jun.

Matos, et al. 2023. Dignidade e pobreza menstrual: relato de experiência da extensão universitária na saúde do adolescente. *Revista ELO - Dialogos de Extensão*, Viçosa, MG - Volume 12.

Morais, Janaina de Araujo. 2021. *Portal Vermelho: uma etnografia sobre corpo, gênero, sangue, emoções e experiência*. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

MORAIS, Janaina de Araujo. 2024. *A Voz do Sangue - Guia de Educação Menstrual*. Publicação Independente. 1º edição.

Pina, Rute. 2018. TSE confirma que “kit gay” nunca existiu e proíbe “fake news” de Bolsonaro. *Brasil de Fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/16/tse-confirma-que-kit-gay-nunca-existiu-e-proibe-fake-news-de-bolsonaro>. Acesso em: 18/11/2024.

Reyes, Gabriela; Silva, Denise; Jung, Hildegard. 2023. Reflexões sobre a pobreza menstrual de estudantes na educação básica brasileira. *Revista Ambivalências do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos, Identidade e Poder*. Dossiê: “Educação, Política e Gênero (Metas Para Cumprimento dos ODS ONU - 2030)”. V.11 • N.21 • p. 40 – 60.

Secretaria Municipal de Educação de [nome da cidade]. 2024. *Termo de Visita Técnico*. 28 de junho de 2024.

Secretaria Municipal de Educação de [nome da cidade]. 2024. *Parecer Pedagógico*. 17 de julho de 2024.

UNFPA/UNICEF. 2021. *Pobreza Menstrual no Brasil: Desigualdades e Violações de Direitos*.

Recebido em 17 de fevereiro de 2025.

Aceito em 22 de abril de 2025.

"Menstruação sem Tabu": uma reflexão sobre a experiência com oficinas de educação menstrual em escolas e instituições públicas

Resumo

O presente trabalho tem como propósito realizar uma reflexão sobre a experiência de elaboração e execução de um projeto de educação menstrual em escolas e instituições públicas, em uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, que teve como propósito promover a dignidade menstrual por meio da educação. A experiência com este projeto abriu a possibilidade para muitas reflexões e questionamentos. Quais são os desafios de implementação deste tipo de projeto na rede pública de ensino? Como é a recepção dos estudantes e da comunidade escolar diante deste tema? Como meninas e meninos acolhem ou não esta abordagem? Quais os impactos da educação menstrual na formação dos jovens? Quais os desafios para o desenvolvimento de metodologia e conteúdo para esse tipo de oficina? Essas questões serão elaboradas neste trabalho que abre o campo para o desenvolvimento de uma pesquisa de pós-doutorado, no Labjor/Nudecri, Unicamp.

Palavras-chave: Educação; Menstruação; Dignidade Menstrual.

"Menstruation Without Taboo": A Reflection on the Experience with Menstrual Education Workshops in Schools and Public Institutions

Abstract

This work aims to reflect on the experience of designing and implementing a menstrual education project in schools and public institutions in a city in the interior of the state of Minas Gerais, with the goal of promoting menstrual dignity through education. The experience with this project opened up possibilities for many reflections and questions. What are the challenges of implementing this type of project in the public education system? How do students and the school community receive this topic? How do girls and boys accept or reject this approach? What are the impacts of menstrual education on the development of young people? What are the challenges in developing methodology and content for this type of workshop? These questions will be explored in this work, which lays the groundwork for the development of a postdoctoral research project at Labjor/Nudecri, Unicamp.

Keywords: Education; Menstruation; Menstrual Dignity.